

“BLUE & PERLA”

NA ROTA DA SEDA

“CALIFÓRNIA ZERO”

MOTOTURISMO ELÉTRICO

“OFF-ROAD TROPICAL”

FLY & RIDE NO BRASIL

TREVE

de moto pelo mundo



TREVE #26 | Mar-Mai 2021 - Trimestral



R\$ 4,50 (Compre em qualquer loja de jornais)

IRÃO • ESTADOS UNIDOS • AMÉRICA DO SUL • ANDALUZIA

A longa viagem



Um ano **diferente**



Impedido de alargar muito os seus horizontes em 2020, Henrique Saraiva resumiu agora os quilómetros que nos foi descrevendo no seu blog 'Viagens ao Virar da Esquina' num único relato. Uma colagem que resulta nesta 'Longa Viagem' em tempos de Covid.

  Henrique Saraiva / Viagens ao Virar da Esquina



O 'Portugal de Fio a Pavio' teve como objetivo descer a N2 num só dia, com uma dezena de amigos a acompanharem-me em todo o trajeto e outros que nos vieram ao encontro pelo caminho. Passava das dez da noite quando chegámos a Faro, com a satisfação do desafio cumprido.



Esta viagem começou no dia 24 de janeiro de 2020 (o dia 1). Nesse dia coincidiram dois factos decisivos em tudo o que se seguiu. Um ano resumido (simbolicamente) em 18 dias e 5900 km: a Longa Viagem. Sem planos, ao sabor das limitações à mobilidade e do que foi surgindo.

Dia 0 - Lisboa - Guimarães - 365 km - Cheguei a Guimarães à tarde. Aproveitei para a visita aos ex-líbris habituais.

Dia 1 - Guimarães - Chaves - 100km - 24 de janeiro! Neste dia foram comunicados os primeiros dois casos de contágio com SARS-COV2 na Europa. Tinha chegado o COVID. Nem nas nossas piores elucubrações conseguiríamos antecipar o que aí vinha.

Antes de seguir para Chaves e enquanto esperava o Luís, que me iria acompanhar, fui à procura do 'Guimarães das Duas Caras'. Curiosa estátua de um notável cidadão alcunhado com o nome da sua cidade, que foi sobrevivente de Alcácer Quibir e que, nessa escultura, surge com dois rostos: o normal e outro no abdómen. Fica no centro de Guimarães, no Largo da Oliveira.

Quando essa batalha já estava perdida, alguns nobres encontraram uma via de fuga. Com eles, D. Sebastião. Embrenharam-se no deserto e muitos dias depois, sedentos, famintos e à beira da morte resolveram tirar à sorte qual se ofereceria em sacrifício. O azar terá calhado a el-rei (nessa altura já não havia dignidade real nem honra ou nobreza). Muitas peripécias depois, único sobrevivente e com remorsos, Guimarães chegou à sua terra e foi ao pároco para ser ouvido em confissão. O clérigo chocado com a história mas obrigado a segredo, quando ele morreu, resolveu homenageá-lo... sem contar o segredo: mandou fazer uma estátua do Guimarães com uma segunda cara. O Guimarães... que tinha o rei na barriga!

Dia 2 - Chaves - Faro - 738,5 km - Madrugada, 0^o de temperatura e algum nevoeiro, começámos o 'Portugal de Fio a Pavio'. O objetivo era descer a EN2 num só dia e ensaiar a nova versão da Honda Africa Twin. Dez amigos acompanharam-me em todo o trajeto. Pelo caminho, companheiros de Viseu primeiro e de Tomar depois, vieram ao nosso encontro. De Évora também, mas o atraso que acumulávamos fez gorar a reunião. Passava das dez da noite quando chegámos a Faro. Sem qualquer percalço e com a satisfação do desafio cumprido. O 'Portugal de Fio a Pavio' estava feito!

Dia 3 - Faro - Ponte de Sor - Lisboa - 480 km - O dia de regresso foi passado perto de Ponte de Sor, num animado convívio da malta das Africa Twin. Ao final do dia, cheguei a Lisboa.

Dia 4 - Lisboa - Mourisca - Lisboa - 100 km - Fui tomar o café matinal com um grupo de amigos motociclistas que têm um espírito verdadeiramente notável: a Comunidade Riders de Portugal. E, com eles, um breve passeio até às

margens do Sado para conhecer uma reminiscência de passado não tão longínquo: o Moinho de Marés de Mourisca. Percebemos que, séculos atrás, já sabiam umas coisas de ecologia e sustentabilidade...

O espaço é aprazível, com uma excelente recuperação do edifício, nomeadamente do interior e dos mecanismos que moíam os cereais que vinham do Celeiro de Portugal, como antigamente era conhecido o Alentejo. A zona de sapal que o enquadra é também território para passeios pedestres e observação de aves. Muito agradável o bar e esplanada.

Nota: A partir daqui e com o evoluir da situação sanitária, tomei a decisão de não fazer viagens com pernoitas. Por segurança própria e porque não ficaria de bem com a minha consciência se descobrisse ter sido veículo de transmissão do vírus. Ainda mantenho esta decisão, que é uma limitação pois reduz bastante o raio de ação, mas tenho a sorte de ter duas 'bases logísticas': uma junto a Lisboa e outra onde o Alentejo encosta na Beira Baixa.

Dia 5 - Lisboa - Lisboa - 100 km - Uma experiência de condução e a análise do condutor comum à Honda CB500X. Com ela dei uma volta pela periferia da capital, suficiente para aquilatar das boas qualidades desta moto.

Dia 6 - Lisboa - Porto Covo - Lisboa - 450 km - Recordam-se daquela frase célebre 'Nova volta, Nova viagem'? Pois é: fui andar de carrossel e numa novíssima Suzuki V-Strom 1050XT. A zona alentejana de Alcácer do Sal até ao Porto Covo foi o destino. Chamei-lhe Carrossel Alentejano, porque percorri estradas nas serras de Grândola e Cercal em cerca de 70 km de pura diversão. Pouco trânsito, curvas e contracurvas a gosto num permanente sobe e desce. Um carrossel, portanto.

De caminho e após o café matutino à beira rio em Alcácer, o Cais Palafítico da Carrasqueira foi a primeira paragem. Depois Melides e o tal carrossel até perto do Cercal (com uma tangente a Grândola e uma travessia de Santiago do Cacém a meio).

Reforço alimentar no Cercal e depois, continuei à beira-mar. Fui ver se o pessegueiro ainda estava na ilha e depois, Porto Covo, São Torpes, Sines e as Lagoas de S. André e Melides. Finalmente o regresso a casa... com tempo para ainda comentar as virtudes da V-Strom com uma senhora portageira da Vasco da Gama, proprietária de uma versão anterior.

Dia 7 - Lisboa - Avis Lisboa - 350 km - Fomos passear até Avis, onde um herói partia à conquista do Mundo, na esteira de Fernão de Magalhães que há 500 anos o circum-navegou. O André Sousa, com a sua minúscula Honda Monkey, saía em festa da vila alentejana para a sua Volta ao Mundo: *Ride That Monkey*. Antecipávamos que iria ter dificuldades na travessia de países devido ▶



Topo

Paço dos Duques de Bragança, Guimarães (esq.) e Ponte de Trajano, Chaves (dir.)

Centro

O início do 'Portugal de Fio a Pavio' em Chaves

Base

Moinho de Marés, Mourisca (esq.); perto do Cercal com a Suzuki V-Strom 1050 XT (dir.); com André Sousa na partida da sua Volta do Mundo em Honda Monkey (em baixo)



à pandemia, mas não prevíamos que seria interrompida logo na Bulgária. O bravo André não parou. Deixou a Monkey naquele país e foi para a já sua conhecida América do Sul, onde anda nesta altura. *Ride That Monkey* segue dentro de momentos...

Dia 8 - Lisboa - Lisboa - 150 km - Um dia inteiro com uma lindíssima Panigale V2 e matar saudades das máquinas em que vamos inclinados para a frente. Vermelho reluzente, 155 cavalos e menos de 180 kg, resposta ao mais pequeno estímulo do punho direito (cheguei a achar que ela me lia o pensamento e antecipava o enrolar do acelerador).

Dia 9 - Lisboa - Barragem de Cedillo - Crato - 450 km - Chamei-lhe 'Por Este Rio Acima' e percorri as estradas que ladeiam o Tejo, desde a foz em Oeiras ao ponto em que passa a ser só português, na barragem de Cedillo. Fui alternando as margens, cruzando o rio em todas as suas 15 travessias: 13 pontes e duas barragens.

À partida, temi que a minha companheira não fosse a mais indicada, mas, à chegada, achei que não poderia ter sido melhor: uma Suzuki Katana. Depois das duas pontes de Lisboa, da Marechal Carmona em Vila Franca, da recente ponte das Lezírias, da vetusta Rainha D. Amélia em Muge, a entrada em Santarém foi pela nova Salgueiro Maia e a saída pela antiga Ponte de D. Luís. Entrei na Golegã pela Ponte da Chamusca e seguiu-se uma paragem no Castelo de Almourol. A seguir, a ponte de via única de Constância e o caminho até ao Tramagal pelas célebres curvas que levam o nome da terra. Entrei em Abrantes pela mais antiga da viagem. Tem 150 anos. Daqui, um troço divertido pela EN3 até Mouriscas onde mudei novamente de margem. Depois de Alvega, virei para a Barragem de Belver onde novamente atravessei o Tejo. Subi à vila de Belver debaixo do olhar vigilante do seu castelo e descí até à ponte do mesmo nome. 42º era a temperatura na altura e a praia fluvial do Alamal, logo ali ao lado, estava apetecível. Mas não, faltava a segunda barragem: Fratel. E, finalmente, a última travessia em Vila Velha de Ródão com vista para as monumentais Portas de Ródão.

Para terminar, alguns quilómetros sinuosos pela Serra de Nisa, a caminho da fronteira e da barragem de Cedillo. Para montante é o trajeto internacional do Tejo. 'Por Este Rio Acima' estava feito!

Dia 10 - Crato - Castelo de Vide - Marvão - Lisboa - 270 km - A Suzuki Katana fez as vezes de De Lorean neste 'Regresso ao Futuro'. À medida que progredia, fui recuando no tempo. Da era dos Descobrimentos em Castelo de Vide, à herança moura e ao período da Reconquista Cristã em Marvão, até aos primórdios civilizacionais com os Romanos nas ruínas de Ammaia, uma pequena grande viagem à nossa História, ao património ancestral e a paisagens que nos enchem os olhos.

Dia 11 - Lisboa - Carrasqueira - Lisboa - 250 km

- O regresso ao Cais Palafrítico da Carrasqueira. Breve visita com objetivo concreto: ver e fotografar o pôr-do-sol.

Dia 12 - Lisboa - Aldeias Avieiras - Lisboa - 300 km - Inspiração momentânea levou-me até às aldeias avieiras do Rio Tejo.

Alves Redol em "Avieiros" (1942), retratou a dura vida dos avieiros do Tejo. Estes pescadores eram oriundos de Vieira de Leiria (daí a alcunha). No Inverno abandonavam a faina do mar e desciam às margens do Tejo para a pesca de rio. Fundaram pequenas terreolas, com casas construídas em cima de estacas e cais palafríticos para chegarem aos seus barcos e obviarem os incómodos das cíclicas cheias do Tejo. Esta vida hoje é quase memória. São poucos os que restam. E as aldeias avieiras ficam como curiosidade turística.

Em Salvaterra de Magos visitei a Falcoaria Real.

Na viagem a que dei o nome de 'Por Este Rio Acima', a ideia foi a de percorrer as estradas que ladeiam o Tejo, desde a foz em Oeiras até ao ponto em que passa a ser só português, na Barragem de Cedillo. Fui alternando as margens, cruzando o rio em todas as suas 15 travessias: 13 pontes e duas barragens.

Passei pela Praia Doce (nome sugestivo!) e visitei Escaropim (a aldeia avieira mais conhecida) situada à beira da Vala Real de Salvaterra. Um estradão levou-me até Muge, onde fui ver uma pequena ponte romana que os silvados quase escondem, mesmo ali ao lado da Casa de Cadaval. Pouco mais à frente, fica Porto de Sabugueiro. Aldeia avieira que foi, no tempo dos Romanos, um importante porto fluvial. Já era tempo de almoço. Regressei a Muge.

Reabastecido, voltei a atravessar a Ponte Rainha D. Amélia (passei por lá no 'Por Este Rio Acima'). Antiga ponte ferroviária de 1904, foi adaptada para circulação rodoviária em 2001. Só tem uma via, pelo que esperamos o semáforo para prosseguir. Ali fica Porto de Muge e adiante, Valada do Ribatejo. Famosa por ficar cercada pelas águas das cheias do Tejo, é um agradável local para repousar. A margem do rio com um pequeno cais e um parque de merendas é aprazível e transmite-nos tranquilidade. Ali não corremos pela vida. É a vida que corre ao ritmo lento do caudal do Tejo. Palhota, a aldeia avieira seguinte, onde viveu Alves Redol, é típica e bonita. Com casas características, tem um longo cais palafrítico com sinais de utilização recente. Depois, Porto da Palha. Assim chamado por ser aqui que eram ▶



Topo

Durante o dia passado com a Ducati Panigale V2

Centro

Ponte D. Luís (esq.) e Marvão (dir.)

Base

Cais Palafrítico da Carrasqueira (esq.) e Aldeias Avieiras (dir.)



descarregados os barcos que transportavam a palha para as quintas das proximidades.

Adiante, a praia fluvial da Casa Branca. Abandonada e degradada. Antes da Azambuja visitei as ruínas do Palácio das Obras Novas (com a degradação que exhibe, o nome é irónico). Situado à beira da Vala Real da Azambuja, é um recanto paradisíaco.

Segui até ao local onde a Vala do Carregado desagua no Tejo. Era aqui perto que, em tempos idos, as carroças que traziam o gelo da Real Fábrica de Gelo de Montejunto carregavam as barcaças com destino à Corte em Lisboa. A última paragem foi na Póvoa de Santa Iria. Recentes obras de 'melhoramento' eliminaram o que restava das construções palafíticas aí existentes. É triste que nada tenha restado.

Dia 13 - Lisboa - Porto Côvo - Lisboa - 450 km
- Inspirados na minha anterior passagem pelo 'Carrossel Alentejano', um pequeno grupo de amigos quis percorrê-lo. Nova volta, nova viagem! Alguém sugeriu o Restaurante Passarinho, no Cercal...

Dia 14 - Lisboa - EN10 - Lisboa - 180 km
- Há uma estrada muito peculiar na zona de

Lisboa. A Estrada Nacional 10 começa e acaba na 'fronteira' de Lisboa. Não foi sempre assim. Começa em Cacilhas, contorna toda a península de Setúbal e antes terminava no Cabo (defronte de Vila Franca). A passagem para a outra margem fazia-se por barcaças que se adaptavam quer ao transporte de pessoas, quer de veículos com a ajuda de umas pranchas. Tinham o nome carinhoso de 'Gasolinos'. Só em 1951, com a construção da Ponte Marechal Carmona, a EN10 passou a ter um percurso na margem direita que acompanha até à entrada de Lisboa, em Sacavém. Saído de Cacilhas, passei ao lado do enorme (e hoje inútil) pórtico da Lisnave. Memórias de um certo passado industrial. Tal como a Fábrica de Seca de Bacalhau Atlântica, em ruínas e que fica defronte do Seixal. Ali perto, a merecer visita atenta, o Moinho de Marés de Corroios. Um dos mais de 400 que ladeavam esta margem do Tejo e também do Sado (mais à frente regressaria ao Moinho de Marés de Mourisca). Passei por Azeitão e, com a Arrábida ao lado, cheguei a Setúbal. A Fortaleza de S. Filipe é local privilegiado para disfrutar da magnífica paisagem do estuário do Sado, com a cidade de Bocage aos pés e Troia do outro lado do rio.

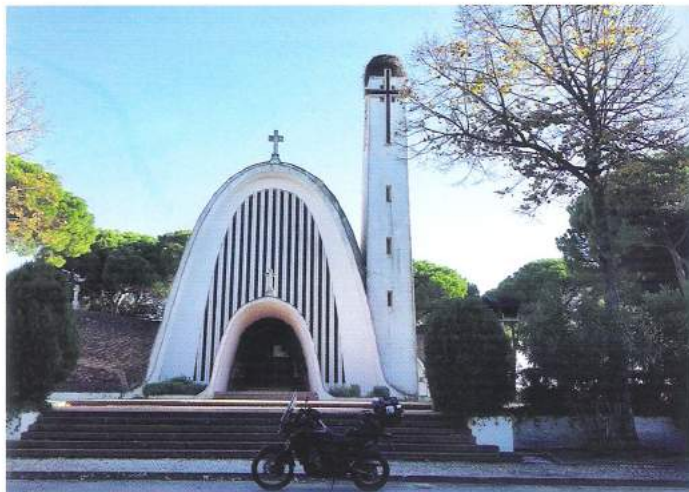


Topo

Passeio EN10: Lisboa vista do 'outro lado'

Base

Panorâmica de Setúbal (esq.) e Santo Isidro de Pegões (dir.)





Segui caminho. Em Águas de Moura, a estrada inflete para norte. S. Isidro de Pegões é um local curioso. Pela história de como aquela zona agrícola se desenvolveu nos anos '50. E pela arquitetura característica. Atravessei o Tejo na Ponte Carmona e subi ao Monte Gordo. Dali vemos o curso do rio, Vila Franca de Xira em baixo e a lezíria defronte, quase a perder de vista. O regresso não se fez sem três paragens antes: em Alhandra, o impressionante monumento aos Heróis da Linhas de Torres, no Sobralinho, o Palácio e os Jardins e em Alverca, o polo local do Museu do Ar, no perímetro da Base Aérea. Assim se chega ao final da EN10, em Sacavém. E entra-se em Lisboa.

Dia 15 - Lisboa - Crato - T. Monfortinho - Crato - 520 km - Vivi dois anos em Castelo Branco, na minha juventude. Todavia, nunca tinha passado por estas estradas. Não conhecia este pedaço do território. E devia.

Vim de Lisboa na véspera. No dia seguinte, um pequeno 'aquecimento': a estrada que vai de Nisa até Vila Velha de Ródão é imperdível. 18 km divertidos e a aproximação ao Tejo é de cortar a respiração. Na ponte, temos à nossa frente o

impressionante monumento geológico das Portas de Ródão. E bem lá no cimo a vigilante torre do visigótico Castelo do Rei Wamba.

Na primeira parte do percurso atravessei o Parque Natural do Tejo Internacional. Depois de Vila Velha, passei por Perais e Alfrivida, pela Ponte de Lentiscais e o seu parque de merendas. Segui por Malpica do Tejo, Monforte da Beira e Rosmaninhal. Se a paisagem é selvagem, com pouca floresta e muito mato rasteiro, já as localidades eram algo desoladoras. Sabe-se que a desertificação do interior é enorme. E quem resta, está agora fechado em casa. Nunca tinha sentido que a minha presença não fosse bem-vinda. Compreendo e respeito!

O meu objetivo seguinte era as Termas de Monfortinho. Encostadas a Espanha, apenas separadas pelo estreito leito do Rio Erges. Atravessei a ponte e entrei no país vizinho. Mas logo regressiei, não era Espanha que procurava. Petisquei a merenda que levava junto ao edifício principal das Termas. Encerrado, dizia!

Dali fui até Penha Garcia. Pendurada lá no alto, com o casario a desfilhar pela encosta, subi até um largo a meio caminho do Castelo. O resto do percurso foi a pé. Com o equipamento completo e ▶



Topo
Beira Baixa: Termas de Monfortinho (esq.) e Penha Garcia

Base
Idanha-a-Velha (esq.) e Portas de Ródão



máscara na cara, a subida por calçada irregular é cansativa. O que vale é que o regresso é quase a rebolar. Muito bonita. E com paisagem a condizer. Logo a seguir, Monsanto. Que dizem ser a aldeia mais portuguesa de Portugal. Não sei porque será mais portuguesa que qualquer outra. Ou porque outra o será menos... Mas que é de uma grande beleza, é. A mistura das casas construídas em simbiose com os enormes blocos de pesado granito, dão um ar telúrico cuja dimensão nos reduz à nossa pequenez. Percorrer as sinuosas, íngremes e estreitas ruas é um deleite... e uma canseira!

O Sol encaminhava-se para o ocaso. Mas ainda havia tempo para visitar Idanha-a-Velha. Fundada na era do Imperador Augusto (Séc I a.C.), esta povoação teve para Roma uma significativa importância pela localização entre Guarda e Mérida. Mas o seu tempo áureo foi a seguir, com os Visigodos (foram construídos a Catedral, o Palácio dos Bispos, o Paço Episcopal e a Ponte de São Dâmaso). Em 713, os mouros tomaram a cidade e destruíram-na. Reconquistada pelo Rei Afonso III de Leão, foi perdida de novo, tendo sido definitivamente tomada por D. Sancho I.

Já de noite, era tempo de regresso.

Dia 16 - Crato - Esperança - Crato - Lisboa - 300

km - Faltava-me encontrar algo que ajudasse a suportar os tempos difíceis que atravessamos. Podia ser paciência... mas não encontrei no mapa. Decidi procurar a Esperança. É uma pequena aldeia próxima da fronteira com Espanha e pertence ao concelho de Arronches.

Comecei em Portalegre. A cidade vive um longo marasmo, mas nada perdeu da sua beleza. Situada a meia encosta e virada a sudoeste, tem atrás de si a Serra de S. Mamede e, à frente, toda a extensão da planície alentejana.

Muito antiga, tempos houve em que se acreditou que aqui teria sido localizada a cidade romana de Ammaia. Tal equívoco deveu-se a algumas antigas edificações da cidade terem sido construídas com pedras oriundas da antiga cidade romana. Perdendo-se nos idos dos tempos a data da sua fundação, sabe-se que foi D. João III a outorgar o foral de cidade em 1570. O castelo do qual restam quatro torres e algumas parcas ameias e a imponente Sé Catedral são as principais relíquias da zona antiga, onde se chega por bonitas ruas de empedrado.

Agora está tudo fechado. O museu da tapeçaria seria visita fundamental, tal a qualidade artística (e o valor!) das Tapeçarias de Portalegre. Verdadeiras obras de arte. Descontando o sobe e desce, percorrer as ruas da cidade é agradável. E no verão, quando as temperaturas por aqui escaldam, o Jardim do Tarro e as suas árvores frondosas ajuda a suportar a inclemência do astro. A seguir parei em Arronches, pequena vila, sede de concelho que faz fronteira com Espanha. Fui

até ao Largo do Município, onde as três torres - da Câmara Municipal, da Igreja Matriz e da Igreja da Santa Casa - se destacam da cêrcea baixa do resto do casario invariavelmente branco. Defronte da Câmara um curiosa e bonita fonte de Neptuno.

Cheguei à Esperança logo a seguir. Pequena aldeia, deserta neste tempo que pede recolhimento. Mas encontrei a Esperança! A freguesia ainda tinha dois pontos de interesse: a pequenina aldeia do Marco que fica encostada a Espanha. Separadas por um regato chamado (à espanhola) Arroyo Abrilongo, do lado de lá fica... El Marco. A uni-las, a mais pequena ponte internacional do Mundo! É pequena, bonita, elegante e é real: dum lado Portugal, do outro Espanha!

O segundo ponto era ali perto. A Lapa dos Gaivões com as suas pinturas rupestres que são facilmente observáveis (se soubermos o que procuramos). E aqui terminou a jornada (e o ano de 2020). Algum tempo depois foi o regresso a Lisboa.

Dia 17 - Lisboa - Almeirim - Lisboa - 250 km

Celebrar o novo ano com uma Sopa da Pedra? Porque não? Lá fui até Almeirim com dois companheiros. Até chegar a Almeirim, mostrei-lhes parte do percurso que tinha feito, tempo antes, pelas Aldeias Avieiras. A Sopa estava excelente. À tarde sacudimos as teias de aranha das motos. Um trajeto por estradas municipais, de Alpiarça até Montargil. Curvas e mais curvas como gostamos. Depois de Montargil, o regresso. Um dia bem passado. Frio, mas com um sol fantástico.

Dia 18 - Lisboa - Montejunto - Lisboa - 150 km

Aproveitei a oportunidade de ensaiar a Brixton Crossfire 500. Marca austríaca com nome a soar a british, lançou em Portugal o seu modelo de maior cilindrada. Dei uma volta pelos arredores em boa companhia - o Carlos e a sua Royal Enfield Classic. Fizemos a EN115 até Vila Verde dos Francos, com paragem para café e pastel de nata em Sobral de Monte Agraço (não desprezemos estes pequenos prazeres) e depois subimos o Montejunto até ao topo. Descemos a Pragança para o almoço em local recomendável, a Quinta do Castro. O regresso fez-se via Abrigada, pelo antigo troço do Rali de Portugal e depois pelas estradas da região saloia, até Lisboa.

Nota final: Esperemos que em breve possamos regressar à vida normal... e voltar às Viagens ao Virar da Esquina. Quero agradecer à Honda Portugal, à Moteo (Suzuki e Brixton) e à Ducati pela cedência das motos aqui mencionadas. Também aos Solares de Portugal pelo apoio permanente. E toda a minha gratidão para os muitos companheiros de viagens nestes 18 dias.

Todos os quilómetros percorridos nesta Longa Viagem foram efetuados com integral respeito pelas normas de mobilidade e preceitos de segurança sanitária e rodoviária vigentes. Que possam servir de inspiração para mais tarde, é o meu desejo. Haja saúde! ▀



Topo

Lapa dos Gaivões

Centro

Sé de Portalegre

Base

Esperança (esq.)
e com a Brixton no
Montejunto (dir.)



Faltava-me algo que me ajudasse a suportar os tempos difíceis que atravessamos. Podia ser paciência, mas não encontrei no mapa. Decidi procurar a Esperança. É uma pequena aldeia perto da fronteira e pertence ao concelho de Arronches.

